

O homem frondoso e outras histórias da África

Reunidos por
Claude Blum

Ilustrações de
Grégoire Vallancien

Tradução de
Hildegard Feist

Copyright © 2009 by Circonflexe, Contes Africains

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Contes africains

Preparação
Lígia Azevedo

Revisão
Ana Luiza Couto
Adriana Moreira Pedro

Composição
Lilian Mitsunaga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O homem frondoso e outras histórias da África / reunidos por Claude Blum ; ilustrações de Grégoire Vallancien ; tradução de Hildegard Feist — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2011.

Título original: Circonflexe, Contes Africains
ISBN 978-85-7406-495-6

1. Contos africanos — Literatura infantojuvenil I. Blum, Claude. II. Vallancien, Grégoire. III. Título.

11-06544 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos africanos : Literatura infantil 028.5
2. Contos africanos : Literatura infantojuvenil 028.5

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

Esta obra foi composta em Adobe Garamond Pro e impressa pela Geográfica em ofsete sobre papel Couché Reflex Matte da Suzano Papel e Celulose para a Editora Schwarcz em agosto de 2011.

Sumário

Apresentação,	4
Lanta e Mamadu,	5
O Sol e a Lua,	9
A mulher e a hiena,	10
A galinha e a perdiz,	10
Os seis companheiros,	11
Os dois falsos vendedores,	15
O sapo e o gavião,	16
A compaixão da raposa,	16
Como manda a natureza,	17
O arroz da boa esposa,	19
O leão e o ratinho,	21
O inhame,	22
Os presentes dos gênios da água,	23
A árvore de frutos humanos,	26
A dedicação de Yamadu Havé,	27
O anel da rolinha,	29
O canário maravilhoso,	34
A munu do Falemé,	35
O rei e seus filhos,	37
O pássaro e a galinha,	40
O homem frondoso,	41
A leoa e a hiena,	44
<i>Sobre o autor e o ilustrador,</i>	<i>48</i>

Apresentação

Os contos africanos são feitos para serem narrados oralmente, dando voz a todos os que falam. E Deus sabe que são muitos! Pois na África tudo fala: os homens, claro, mas também os animais e, mais espantoso ainda, as árvores, os inhames, os rios, as pedras. O contador pode divertir a plateia, fazendo um vozeirão para o leão e uma vozinha para o rato. Mas como seria a voz do baobá? E a do coelho? Ou a do macaco?

As histórias contadas para as crianças nem sempre são alegres, nem sempre são tristes; falam da vida comum dos camponeses africanos e de suas esposas, que cultivam o painço, este cereal tão precioso. Contêm lições de moral ou de sabedoria, transmitidas de forma figurada, astuta e, com frequência, bem-humorada.

Elas reservam amplo espaço para o fantástico; como o tema do anel que permite a quem o possui obter tudo o que deseja. Muitas vezes, esse anel é uma recompensa por uma boa ação, como salvar um animal da morte. Pois os animais, como os homens e as árvores, são protegidos por gênios, espíritos às vezes brincalhões, mas dotados de poderes extraordinários. Ai de quem não os respeita: pode pagar caro por isso! Mas eles também são capazes de, num piscar de olhos, transformar um velho pobre num rei jovem e rico.

E é por esse motivo que na África só se contam histórias à noite. Assim, quando a história termina e a criança adormece, seus sonhos se alimentam desses relatos extraordinários. Pois existem coisas que não se consegue imaginar quando se está acordado; por exemplo, uma árvore que tem como frutos mil meninos ou mil meninas. Mas em sonho pode-se ver isso!

Depois de um dia longo e cansativo, todo mundo quer ir dormir logo. Então, o contador escolhe uma história curta. Mas, quando todos, grandes e pequenos, estão bem despertos, ele vai buscar em seu repertório uma história longa e trata de entremear a narrativa com grandes silêncios cheios de mistério e bruscas mudanças de tom, mantendo o auditório em suspense durante alguns minutos.

O tempo para e o sonho se torna realidade.

Daniel DELAS

Lanta e Mamadu

Um rapaz chamado Mamadu queria muito aprender a ler e escrever, e um dia saiu para procurar uma escola. Partiu de sua província para a região do Kayor, no Senegal.

Lá vivia um sábio que ensinava crianças. Mamadu ficou com ele o tempo necessário. Quando já lia e escrevia perfeitamente, decidiu voltar para casa. No dia de sua partida, um colega de classe, que pertencia à espécie dos gênios, disse para ele:

— Somos amigos. Como você vai voltar para casa, quero que leve um recado para minha família e vou transportá-lo para sua aldeia na velocidade de um raio. Você não sabe quem sou, mas conheço bem você, pois nascemos no mesmo lugar. Nós, os gênios, vemos os humanos muito bem, mas vocês não podem nos ver. Quando chegar em casa, coloque no dedo este anel de prata, assim poderá ver os gênios e as aldeias deles. Se tirar ou perder o anel, tudo desaparecerá novamente.

Depois, o gênio pediu a Mamadu que se sentasse em seu tapete e fechasse os olhos. Mamadu obedeceu e num instante, como num passe de mágica, estava em sua aldeia.

Na manhã seguinte, pôs o anel no dedo. Então viu todos os gênios e suas aldeias. E foi visitar a família do colega.

- O gênio, seu parente, deseja um bom-dia a vocês — falou.
- E onde está nosso menino querido? — a família perguntou.
- Eu o deixei numa aldeia do Kayor. Ele continua na escola.





— Ah, nosso garoto sabe se comportar! — os parentes exclamaram. — E você, Mamadu, precisa ir para sua casa, mas, sempre que tiver uma folguinha, venha nos visitar.

Mamadu voltou para casa, porém sempre que podia fazia longas visitas aos gênios. É que tinha visto Lanta, a irmã de seu colega, uma linda mocinha, e resolveu se casar com ela.

— É tudo que eu quero — Lanta falou, quando ele a pediu em casamento. — Mas tenho receio de me casar com um humano... Vocês se irritam com qualquer coisa! E falam demais! Mentem com muita facilidade! Com a gente não é assim: um gênio nunca

se exalta, sempre guarda segredos, só abre a boca para dizer a verdade!

— Quando estivermos casados, você vai ver que eu também não me exalto e nunca minto! — Mamadu declarou.

— Se é assim, tudo bem! Aceito você como meu marido. Mas o proíbo de contar para quem quer que seja que se casou com uma mulher da espécie dos gênios!

— Combinado! — Mamadu exclamou.

— Então, podemos celebrar nosso casamento — Lanta concluiu.

Lanta e Mamadu viviam felizes juntos. Mas um dia, quando Lanta saiu de madrugada para visitar a família, Mamadu acordou e constatou que, durante a noite, seu celeiro e todo o painço tinham pegado fogo, seu cavalo puro-sangue estava morto e seu touro vigoroso havia caído no fundo do poço. Mamadu e toda a sua família ficaram desesperados.

Lanta retornou no fim do dia. Ao aproximar-se de sua casa, ouviu a sogra dizendo a seu marido:

— Num único dia, seu celeiro foi devorado pelas chamas! Seu cavalo de raça morreu! E seu touro... um touro de cinco anos... também está morto! Esta casa estará arruinada em pouco tempo! Isso tinha de acontecer! É o resultado de seu casamento com uma mulher da espécie dos gênios!

Ao escutar essas palavras, Lanta resolveu voltar para junto de sua família. Mas, antes de partir, seguiu Mamadu até o campo e, quando ele adormeceu, na hora da sesta, tirou do seu dedo o anel de prata.

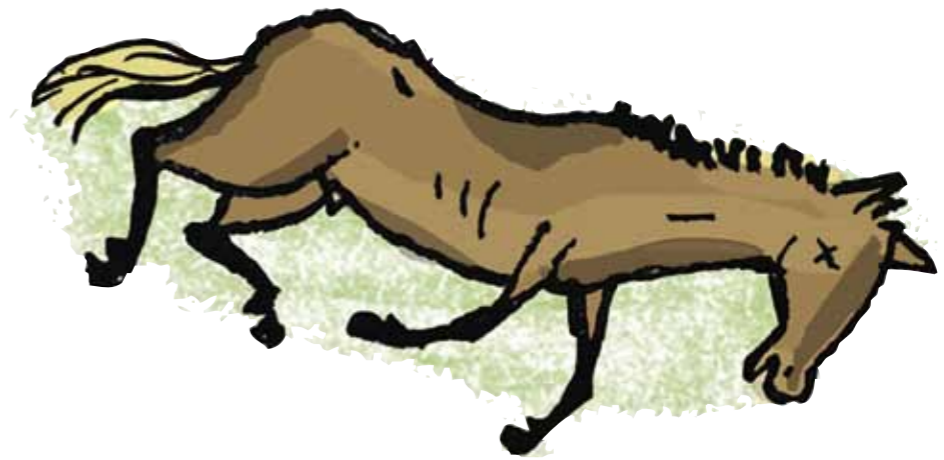
Quando acordou, Mamadu não conseguiu mais ver os gênios, nem as aldeias deles. Tentou achar o caminho que levava à casa de Lanta, mas foi inútil. A aldeia tinha desaparecido.

Um belo dia, Lanta voltou para a aldeia de seu marido. Encontrou Mamadu dormindo e o acordou.

— Onde você estava? — ele perguntou.

— Estava em minha aldeia.

— Não é verdade! Vocês todos saíram de lá!



— Mentira sua. Ainda moramos lá.

— Então, por que não vivemos mais como antes?

— Porque nosso casamento está desfeito por minha vontade!

— Por que você o desfêz?

— Porque você não cumpriu sua promessa! Quando me pediu para ser sua mulher, eu não disse que tinha receio, porque vocês, humanos, se exaltam com qualquer coisa, mentem, falam sem pensar?

— E quando foi que eu me exaltei? Quando foi que menti? Por que você diz que falei sem pensar?

— Você tem a língua solta.

— Mas o que foi que eu falei? Diga!

— Lembre o dia em que seu celeiro foi consumido pelo fogo, seu cavalo morreu e seu touro caiu no poço. Eu sabia de tudo isso! Mas parti para não voltar, porque ouvi sua mãe reclamar de mim, o que prova que você revelou nosso segredo e traiu sua promessa. Vou lhe contar o que realmente aconteceu. Fiquei com você até o amanhecer. Foi quando chegou Azrael, o anjo da morte, com olhos nos braços e uma árvore na cabeça. Ele queria levar você. Eu o repeli e joguei no celeiro, que pegou fogo. Então, ele tentou levar sua mãe. Eu o atirei em cima do cavalo, que caiu morto sob seu peso. Ele insistiu, agora querendo se vingar levando sua irmã. Pela terceira vez, lutei com ele e o empurrei. Foi parar em cima do touro, que morreu ao cair no poço. Se eu tivesse deixado você, sua mãe e sua irmã morrerem, o que seria feito de sua casa? Estaria perdida!

E, se vocês ainda estão vivos,

é graças ao incêndio do celeiro, à morte do cavalo e à morte do touro! Não foi melhor assim? Você me traiu, mas, antes de ir embora para sempre, eu tinha que lhe contar a verdade.





Lanta partiu.
E Mamadu nunca mais a viu.

O Sol e a Lua

Um dia, o Sol falou para a Lua:

— Minha querida amiga, temos filhos demais, e eles nos atormentam. Vamos comer todos.

— Tudo bem — a Lua respondeu. — Mas seria horrível comer meus próprios filhos. Todo dia me mande um dos seus, e, em troca, eu enviarei um dos meus.

O Sol concordou, e no dia seguinte a Lua recebeu um filho do amigo. Ela não tocou nele, mas regou-o com um molho novo e o devolveu ao Sol, que, sem desconfiar de nada e acreditando que se tratava de um filho da Lua, o comeu.

Isso se repetiu todos os dias... E o Sol perdeu seus filhos. A Lua, ao contrário, conservou os seus. É por isso que, de dia, vemos o Sol sozinho no firmamento, enquanto, à noite, a Lua está cercada por sua numerosa prole de estrelas.

Quando o Sol percebeu a traição da amiga, lançou-se furioso contra ela, e a perseguição continua até hoje.

Às vezes, o Sol alcança a Lua e começa a devorá-la. Então, com medo de que, depois de realizar sua vingança, ele abandone o mundo dos homens, levando embora seu calor e sua luz, os aldeões gritam, batendo suas cabaças:

— Deixe-a, deixe-a.

E o Sol, impressionado com o barulho, desiste da vingança, mas apenas por um tempo.

